



Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.



Exemplar n ° :

Título: Coletânea Penélope
Revisão: Bárbara Soares * The Art Boulevard
Ilustração de capa: André Freitas Santos
Paginação: Nádía Amante * Livros de Ontem

©2014, Livros de Ontem
Reservados todos os direitos, para esta edição,
de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Setembro 2014
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal:
ISBN:

Livros de Ontem
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF
1500 - 364 Lisboa • Portugal
www.livrosdeontem.pt

The Art Boulevard
www.theartboulevard.org



LIBERDADE, MEDO E SOLIDÃO

LIVROS. ONTEM

the **Boulevard**

ÍNDICE

Contos

Álvaro Cordeiro
Ana Rita Sousa
Bárbara Lopes
Hélder Magalhães
Luísa Carvalho
Cidália Carvalho
Rita Só
Sílvia Mota Lopes
Soraia Ribeiro
Vasco Ricardo

Autor Convidado

Edson Athayde

ÍNDICE

Fotografia

Catarina Lopes
Flávio Moreira
Felipe Almeida
Fabielle Vieira
Paulo Cintra
Marina Barbim
Ricardo Reis Pereira
Ana Costa
Cristiana Gomes
Fábio Roque

Ilustração

André Freitas Santos

Edson Athayde

Edson Athayde é escritor, guionista, publicitário, dramaturgo, produtor musical, português, brasileiro, carioca, alfacinha, tripeiro, catalão, flamenguista, lampião, míope e acima do peso, nada disso, necessariamente, nessa ou por nenhuma outra ordem.

QUATRO

O rapaz sem braços e sem pernas queria nadar. Sonhava em atravessar o Canal da Mancha. Queria mesmo bater o recorde mundial dessa travessia. E por isso ele podia ser visto pelas manhãs nas margens do canal a passear na sua cadeira de rodas prateada. Era nesses passeios que ele treinava. Dava braçadas ilusórias contra ondas irreais. Não tinha braços, não tinha pernas, mas tinha sonhos. O rapaz não tinha pais, parentes, descendentes. A única pessoa que algum dia vi com ele foi a sua enfermeira, gorda como uma baleia. Era ela que empurrava, de cá para lá, de lá para cá, a sua cadeira. Gostava de levá-lo para passear no canal por causa das gaivotas e dos ventos. Havia lido, nuns quaisquer documentos, que os espaços abertos contribuía para a tranquilidade de uma alma sofrida. Mal sabia das intenções secretas do pobre rapaz. De qualquer maneira, pensava, «passear mal não faz.» A enfermeira, além de gorda, também se achava muito sabida. Passados alguns anos, o rapaz sem braços e sem pernas já era um atleta. Nadara milhares de quilómetros dentro da sua cabeça. Ganhara medalhas de ouro, prata e bronze, todas atribuídas por um juiz que existia apenas em seu cérebro. E, por mais que pareça absurdo, dentro do seu ranking etéreo, ele ocupava o primeiro lugar do mundo. Um belo dia, o rapaz sem braços e sem pernas cansou-se da ilusão. Se ele queria atravessar o canal, teria que cair na água, sair do chão. Faria isto de qualquer maneira, contra tudo, contra todos, contra a enfermeira. Ele não tinha braços, nem pernas, mas era um homem duro.

E depois de tantos anos de treino, sentia-se seguro. Conhecia cada palmo da Mancha, sabia que se o seu desejo fosse verdadeiro, se a sua vontade fosse muita, podia atravessar o canal e ser recebido na outra margem com uma grande festança. E então não seria mais o rapaz que braços e pernas não tinha, seria um herói nacional, mundial, interplanetário. Dedicaria a vitória a todos os que ultrapassaram barreiras algum dia. E mostraria que, mesmo sem metade do corpo, estava no páreo. A enfermeira nem viu quando o rapaz, a utilizar apenas a força da mente, soltou o travão da cadeira, que saiu ladeira abaixo em desabalada carreira. Não demorou a cair na água. E então o rapaz sem braços e sem pernas descobriu o que era um mergulho de verdade. Sentiu as ondas a acariciarem-lhe o corpo, a deixarem-no louco. Nesse momento ele tornou-se um puro de espírito, um ser sem vaidade. Riu, sorriu, gargalhou. O seu sonho mais secreto tornara-se verdade. Foi aí que o rapaz deixou de ser ele mesmo e passou a simbolizar todos nós, a representar na sua débil estrutura os nossos mais íntimos desejos, as nossas mais estúpidas loucuras. Ele iria atravessar o Canal da Mancha não mais para ganhar um prémio, para vencer uma aposta, nem porque gosta, ele iria fazer aquilo como um santo moderno para salvar-nos do inferno. E, pela primeira vez em décadas, parou de chover na Mancha e os raios de um sol muito forte iluminaram as águas. Quem lá estava relata, talvez num exagero de prosa, que as nuvens tornaram-se algumas azuis e outras cor-de-rosa. É pouco provável, mas o rapaz pensa ter visto um golfinho a indicar-lhe o caminho. E ao mover a cabeça, ao girar o tronco, ao agitar o dorso, bendito seja, encontrou a paz necessária para cumprir o seu destino, para sentir-se uno, para sentir-se inteiro, para sentir-se todo. Levaram uma semana para encontrar o seu corpo.

Catarina Lopes

Nasceu em Lisboa e licenciou-se na Faculdade Nova de Lisboa em Ciências da Comunicação, na vertente de Cinema e Televisão. A fotografia acompanha-a desde os 16 anos e também mais recentemente o vídeo. É apaixonada pela área da imagem e espera que esta área integre sempre a sua vida, tanto lúdica como profissionalmente.

